

O livro didático de matemática do Ensino Fundamental I e a ausência da flexão de gênero substantivada

Nadir Fernandes dos Santos¹

Universidade Federal do Paraná

Débora Reis Pacheco²

Universidade Federal do Paraná

Elenilton Vieira Godoy³

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este artigo apresenta indagações no que se refere ao uso predominante da linguagem no gênero masculino em livros didáticos de matemática do terceiro, quarto e quinto anos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino (RME) de Pinhais, localizado na Região Metropolitana de Curitiba no Paraná. A coleção de livros analisada é a utilizada pela RME em questão. Provocadas e provocado pela possibilidade de tensionar e promover reflexões sobre a norma gramatical que conforma, condiciona e define presenças e ausências, movidas e movido pelo anseio de olhar para um material aprovado para compor o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, buscou-se perceber se as mulheres são visibilizadas ou ainda permanecem na subrepresentatividade justificada pela inserção nos substantivos masculinos. A partir de reconceitualizações de gênero, enquanto categoria social e de configuração contingente, compreende-se a necessidade de suscitar diálogos que questionem discursos e vozes reverberados no interior da escola, em detrimento de outros. A problematização de determinadas conjunturas nas quais estão imbricadas relações de subalternização é preponderante, pois muito se tem pautado sobre as pluralidades e singularidades a serem contempladas nas abordagens e materiais pedagógicos adotados, haja vista o alto investimento de recurso público, bem como da importante utilização deste material no cotidiano das escolas.

Palavras-chave: Gênero; Educação Matemática; Livros didáticos; Mulheres; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

¹Mestranda pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM). Professora e Pedagoga atuando na Secretaria Municipal de Educação de Pinhais, Pinhais, PR, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Jardim das Américas, Curitiba, Paraná, Brasil, CEP: 81530-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2829-3437>. E-mail: nadirfsantos10@gmail.com.

²Doutora em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Jardim das Américas, Curitiba, Paraná, Brasil, CEP: 81530-000. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1051-3403>. E-mail: debora.rpacheco@gmail.com

³Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Docente do Departamento de Matemática (DMAT), do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Jardim das Américas, Curitiba, Paraná, Brasil, CEP: 81530-000. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8081-5813>. E-mail: elenilton@ufpr.br

The mathematics textbook for Elementary School I and the absence of noun gender flexion

ABSTRACT

This article presents questions about the predominant use of masculine language in mathematics textbooks of the third, fourth and fifth years of Elementary School in the Municipal Educational Network (RME) of Pinhais, located in the Metropolitan Region of Curitiba in Paraná. The collection of books analyzed is the one used by the RME in question. Provoked and provoked by the possibility of stressing and promoting reflections on the grammatical norm that configures, conditions and defines presences and absences, moved and moved by the desire to look at the material approved to compose the National Textbook Plan - PNLD, we seek to understand whether women become visible or continue to be underrepresented, which is justified by their inclusion in masculine nouns. Based on reconceptualizations of gender, as a social category and contingent configuration, the need to promote dialogues that question discourses and voices that reverberate within the school, to the detriment of others, is understood. The problematization of certain situations in which relations of subalternization are intertwined is predominant, since much has been based on the pluralities and singularities to be considered in the pedagogical approaches and materials adopted, given the high investment of public resources, as well as the important use of this material in the daily life of schools.

Keywords: Gender; Mathematics education; Didactic books; Women; Early years of primary school.

El libro de texto de matemáticas para la Escuela Primaria I y la ausencia de flexión de género del sustantivo

RESUMEN

Este artículo presenta interrogantes sobre el uso predominante del lenguaje masculino en los libros de texto de matemáticas de los tercer, cuarto y quinto años de la Educación Primaria de la Red Educativa Municipal (RME) de Pinhais, ubicada en la Región Metropolitana de Curitiba en Paraná. La colección de libros analizada es la utilizada por la RME en cuestión. Provocadas y provocado por la posibilidad de tensionar y promover reflexiones sobre la norma gramatical que configura, condiciona y define presencias y ausencias, movidos y conmovidos por el deseo de mirar el material aprobado para componer el Plan Nacional del Libro de Texto - PNLD, buscamos comprender si las mujeres se hacen visibles o siguen estando subrepresentadas, lo que se justifica por su inclusión en sustantivos masculinos. A partir de reconceptualizaciones del género, como categoría social y configuración contingente, se comprende la necesidad de propiciar diálogos que cuestionen discursos y voces que reverberan al interior de la escuela, en detrimento de los demás. Es preponderante la problematización de ciertas situaciones en las que se entrelazan relaciones de subalternización, ya que mucho se ha basado en las pluralidades y singularidades a considerar en los enfoques y materiales pedagógicos adoptados, dada la alta inversión de recursos públicos, así como el importante uso de este material en la vida diaria de las escuelas.

Palabras clave: Género; Educación Matemática; Libros didácticos; Mujer; Primeros años de la escuela primaria.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por que “o aluno” e não “a aluna”? Por que “o professor” e não “a professora”? Por que “vou ao médico” e não “vou à médica”? Por que “preciso de um advogado” e não “preciso de uma advogada”? Por que sempre o masculino e, praticamente, nunca o feminino?

São muitas as perguntas envolvendo o uso hegemônico do masculino em substantivos pluriformes no singular, e pensando nisso, resolvemos iniciar a escrita do nosso artigo a partir de uma conversa de WhatsApp do Autor 3, docente da área de Educação Matemática, e a Professora Doutora em Letras Geovana Gentili Santos⁴.

⁴ A doutora Geovana Gentili Santos é professora do curso de Linguagem e Comunicação do Setor Litoral e coordenadora geral da CIPEAD (Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância) na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Acompanhem o diálogo entre o Autor 3 (EVG) e a Profa. Dra. Geovana G. Santos (GGS).

[18:35, 02/08/2023] EVG: *Oi, Geovana, tudo bem?*

[19:20, 02/08/2023] GGS: *Oi, Autor 3, td bem e com vc?!*

[19:23, 02/08/2023] EVG: *Tudo bem também. Queria prosear um pouquinho contigo sobre trabalho.*

[19:52, 02/08/2023] GGS: *Como no exemplo*

[19:52, 02/08/2023] GGS: *Mulher = substantivo feminino*

[19:53, 02/08/2023] GGS: *Mulheraço = substantivo masculino*

[19:53, 02/08/2023] GGS: *Porém, refere-se, normalmente, a um ser humano do sexo feminino*

[19:53, 02/08/2023] GGS: *Mas na língua é um substantivo masculino.*

[19:55, 02/08/2023] EVG: *Acho que entendi mais ou menos. Aluno, professor seriam palavras neutras?*

[19:56, 02/08/2023] GGS: *A desinência "o" é associada pelos falantes ao masculino... Mas, como se destaca, Mattoso Câmara optou por considerá-lo um morfema zero. Desse modo, qdo se usa num texto "o professor deve manter a ordem da pauta da reunião", como falantes entendemos a "categoria" e ã necessariamente o sexo do ser a que essa categoria se refere*

[19:57, 02/08/2023] GGS: *Veja, se seguir essa lógica de "o" masculino teria de ser*

[19:57, 02/08/2023] GGS: *Professoro e professora*

[19:57, 02/08/2023] GGS: *Hahahahaha*

[19:57, 02/08/2023] GGS: *Ñ sou especialista em léxico, filologia ou morfologia*

[19:59, 02/08/2023] GGS: *Os determinantes cumprem um papel importante tb para a definição de gênero, os artigos, pronomes e numerais*

[19:59, 02/08/2023] GGS: *Como no caso estudante*

[20:00, 02/08/2023] GGS: *Em q para marcar o gênero vc usa "o" e "a"*

[20:00, 02/08/2023] GGS: *Por isso q a palavra estudante classifica-se como "substantivo comum de dois gêneros"*

[20:01, 02/08/2023] EVG: *Acho que gostaria de uma conversa remota ou presencial sobre isso.*

[20:02, 02/08/2023] GGS: *Hahaha... Ñ sei se sou a melhor referência!*

do Ensino Fundamental 1, exatamente isso, ou seja, o uso no singular de palavras, que para nós do lugar comum, representam o masculino.

[20:08, 02/08/2023] EVG: *Gostaria de participar da empreitada?*

[21:02, 02/08/2023] GGS: *Eu considero interessante problematizar mais como vc fazia no Licenciado, por meio das representações estereotipadas, sejam verbais ou ã verbais, observando qdo, então, havia a representação do feminino (entendido como o conjunto de habilidades e comportamentos socialmente definidos como representantes desse ser feminino, tal como a docilidade, a beleza, as tarefas domésticas, a servilidade etc.)*

[21:04, 02/08/2023] GGS: *Mas se forem pelo caminho do uso do masculino singular, acho q seria importante ver sobre esse uso na língua portuguesa do masculino genérico que, dentre algumas justificativas, é a falta de um morfema para representar esse "ser humano", tal como se tinha no latim*

[21:04, 02/08/2023] GGS: *Enfim... Falei demais!*

[21:04, 02/08/2023] GGS: *Vou pro banho...*

Noutro trabalho que o Autor 3 realizou em parceria com a Profa. Dra. Geovana Gentili Santos, foi proposto a construção de um MOOC (*Massive Open Online Courses* – Cursos Online, Abertos e Massivos) para professores e professoras que ensinam matemática e, num dos Módulos, a problematização ocorreu a partir de imagens de livros didáticos “[21:02, 02/08/2023] GGS: [...] , por meio das representações estereotipadas, sejam verbais ou ã verbais, observando qdo, então, havia a representação do feminino (entendido como o conjunto de habilidades e comportamentos socialmente definidos como representantes desse ser feminino, tal como a docilidade, a beleza, as tarefas domésticas, a servilidade etc.)”.

[20:05, 02/08/2023] GGS: *Ali marcava bem q era mto mais um posicionamento político-ideológico do q linguístico.*

Consideramos e assumimos que o proposto neste artigo, também é um posicionamento político-ideológico.

O diálogo entre o Autor 3 e a Profa. Dra. Geovana Gentili Santos emerge de preocupações que não são novas no âmbito da educação. É sabido que os livros didáticos ocupam um significativo espaço nas composições curriculares do ensino formal. No Brasil contamos com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)⁵. Assim, os livros didáticos parecem ser instrumentos necessários no contexto escolar, ainda que carregados de críticas e polêmicas, como aponta Bittencourt (2002).

Neste sentido, há pesquisas que se dedicam a olhar para este instrumento sob diferentes enfoques e objetivos. Na educação matemática temos visto pesquisas que se debruçam nos discursos verbais e não verbais, Trevisan e Trevisan (2017), por exemplo, olham para as imagens dos livros dos anos finais para discutir questões étnico-raciais e gênero. Já Silva (2018) reúne resultados de diversas pesquisas dentro do projeto “redes discursivas construídas em livros didáticos de matemática do ensino médio”, para argumentar que tais instrumentos propõem modos de ser e de se comportar no mundo em função de políticas neoliberais.

Em suma, precisamos conversar sobre isso nas aulas de matemática e, neste momento, faremos isso a partir dos livros do 3º, 4º e 5º anos da coleção de livros didáticos de matemática para o Ensino Fundamental I - anos iniciais, da Editora Ática, intitulada “Ápis Mais” (2021) e de autoria de Luiz Roberto Dante e Fernando Viana, da Editora Ática, adotado pelas escolas públicas do município de Pinhais, PR.

⁵ O PNLD foi instituído pelo Decreto nº 91.542, de 19 de Agosto de 1985 que dispõe sobre sua execução e o envio de livros didáticos para estudantes da Educação Básica. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91542-19-agosto-1985-441959-publicacaooriginal-1-pe.html>, acesso em 19/09/2023.

No entanto, antes de nos aprofundarmos nas questões de gênero, é importante ressaltar que as categorias masculino e feminino, das quais iremos abordar, são criações de um determinismo biológico do mundo ocidental. Ou seja, não são categorias de gênero universais e atemporais na organização social de todos os povos, como aponta Oyěwùmí (2021). Segundo a autora, tais determinismos não existiam nos povos iorubás antes da colonização.

Neste sentido, nosso lugar de pesquisa localiza-se em uma categorização de corpos após um processo de colonização que cravou pré-conceitos, mas sem a pretensão de universalizar o binarismo feminino e masculino. Salientar tal especificidade nos permite abrir espaço para perceber outras formas de organizações sociais possíveis em que “o corpo nem sempre está em vista e à vista de categorização” (OYĚWÙMÍ, 2021, p.66).

Assim, neste artigo propomos uma discussão pontual acerca do uso de palavras flexionadas no masculino - que desejam incluir mulheres em uma organização social pós-colonização - em livros didáticos de matemática. Para isso, o texto segue com uma seção na qual trazemos referências que conversam sobre a linguagem e gênero, para fazer a interlocução com a discussão proposta. Depois apresentamos os caminhos de produção de dados, em que justificamos a escolha dos livros didáticos utilizados e quais ferramentas foram movimentadas na análise. Na seção seguinte, a análise de cada um dos três livros escolhidos é detalhada, quantificando as palavras com e sem flexão de gênero no plural e no singular e exemplificando enunciados⁶ que visibilizam a discussão. Na seção final, apresentamos nossas impressões finais.

LINGUAGEM, GÊNERO E MATEMÁTICA: DIÁLOGOS (IM)PERTINENTES A PARTIR DA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

A problemática apontada no subtítulo da seção suscita provocações no que se refere à necessidade de discutir atentamente as abordagens propostas e desencadeadas nos livros didáticos adotados, enquanto instrumentos que permeiam o cotidiano escolar, seja por meio dos objetivos de aprendizagem ou pela disseminação de imaginários sociais repercutidos historicamente, legitimando valores e ideias que configuram as relações nos diferentes espaços sociais, entre eles, a escola.

Entre tantos aspectos a serem observados nos livros didáticos enquanto recurso escolhido, considera-se a não neutralidade da ação pedagógica que dele reverbera na constituição das sujeitas/os no que se refere à linguagem.

Em consonância a este entendimento Guacira Lopes Louro afirma que:

⁶ Entendemos por enunciados os textos que compõem as atividades do livro didático que explicitam alguma situação que antecede as perguntas feitas às alunas e alunos ou que apresentam conceitos.

[...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feita entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros [...]. (LOURO, 2014, p.71).

Nesta perspectiva, compreende-se a seriedade quando ao analisar um livro didático, encontra-se a linguagem predominantemente no gênero masculino, para além do discurso repetido e validado gramaticalmente pela norma de que ao usar o plural seja na fala ou na escrita, as mulheres estão representadas.

Pensar sobre elementos históricos que configuram os arranjos sociais a partir dos quais a linguagem também é “cúmplice”, implica em reconhecer determinados aspectos que estruturam a sociedade, decisões políticas, bem como estabelecem parâmetros que organizam as relações, perpassando a epistemologia e o currículo, com base em uma lógica perversa, excludente e implicada no ambiente escolar que é a compreensão embasada na ideia de um sujeito universal.

Daniela Amaral Silva Freitas afirma que o sujeito “universal” é:

Um sujeito, por excelência, masculino, branco e heterossexual. Um sujeito no qual estão centradas as leis, as políticas, as instituições. Um sujeito que, por sua própria definição e por sua pretensão de universalidade, exclui uma porção de outros sujeitos, muitas vezes tidos como impensáveis, inviáveis, ininteligíveis. Esse sujeito tem, como uma de suas principais marcas constitutivas, a razão (FREITAS, 2021, p. 120).

Torna-se necessário interpelar-nos sobre a produção e oferta de livros didáticos de matemática buscando compreender se os critérios adotados vislumbram romper com estas configurações sociais ou se as mulheres ainda estão na invisibilidade, inclusive no que concerne ao uso da língua.

Ao analisar livros didáticos de matemática destinados às/aos estudantes de 3º, 4º e 5º Ano, observamos uma escrita que apresenta o sujeito no masculino em quase todas as vezes nas quais não se fazia uso do plural. Poderia ter sido adotada a escrita que visibiliza as mulheres em termos, como: a colega, a participante, a estudante. Não surpreende a afirmação de que o homem é o sujeito presente nas vivências de situações cotidianas que expressam saberes matemáticos, então, encontramos nos livros: o colega, o participante, o aluno. Esse padrão de escrita permeia outras questões como aquelas que se referem à opinião e expectativas das/os estudantes como na pergunta proposta “Você está satisfeito?”

Nesta perspectiva, compreende-se que:

Os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos: são também produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições, suas culturas (Alain Choppin 1993 apud BITTENCOURT, 2002, p. 69).

Assim, a escolha dos livros didáticos disponibilizados para as escolas públicas da Educação Básica no Brasil por meio do PNLD - Programa Nacional do Livro Didático, exige olhar atento das/os profissionais envolvidos no processo de escolha que elege o material a ser utilizado nas salas de aula. É urgente avaliar com quais princípios eles estão comprometidos, se incluem ou excluem, se ampliam debates pautados por coletivos sociais ou reproduzem anseios e marcos coloniais. Pois, segundo Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli “[...] nenhum livro didático pode ser apreendido como produto abstrato ou neutro, distanciado do contexto histórico em que existiu ou existe (SCHMIDT e CAINELLI, 2004, p. 136)”.

Ao avaliar livros didáticos há uma prerrogativa que deve permear todo processo de análise: o entendimento de que eles se constituem em instrumentos que disseminam concepções de mundo, visões de sujeitas/os, ideologias políticas, podendo ser mecanismos de normalização e conformação social, já que atendem às demandas previstas nos currículos escolares. Entende-se que os aspectos econômicos, culturais e sociais disputam espaços neste documento, entre eles as discussões que coadunam com a compreensão de que as relações de gênero e as desigualdades delas decorrentes foram e ainda são forjadas enquanto construção social, podendo ser refutadas ou reproduzidas pelo currículo, pois “O currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero (SILVA, 2022, p.97)”.

Um debate ancorado no campo social, posicionando a linguagem enquanto arranjo social para além das normas e regras gramaticais, engendrado como práticas que reiteram discursos excludentes e de silenciamento das mulheres.

É necessário problematizar argumentos adotados como a inclusão das mulheres no uso da língua no plural, mesmo sendo elas a maioria em determinado coletivo, propagando a ideia de que devem se contentar com a regra do uso do plural no masculino, ainda que haja apenas um homem inserido. Nesta escolha, desconsidera-se a importância e possibilidade de demarcar diferentes identidades aliadas historicamente, bem como de ampliação do debate de temáticas na perspectiva decolonial como tem sido pleiteado por pesquisadoras/es da antropologia e sociologia reverberando tensionamentos nos currículos escolares.

Segundo Rita Segato ao abordar a colonialidade enquanto categoria de poder e apresentar a decolonialidade ou giro decolonial enquanto fenda possível, afirma que:

[...] inicia-se um modo de subversão epistêmica do poder, que também é teórica/ética/estética/política [...] que nada mais é do que uma virada na relocalização do sujeito em um novo plano histórico, emergindo de uma releitura do passado, que reconfigura

o presente e tem como projeto uma produção democrática de uma sociedade democrática (SEGATO, 2021, p.72).

Nesta perspectiva, os espaços educativos, entre eles a sala de aula, constituem-se em territórios de disputas a favor de perpetuações, desconstruções e proposições.

Nilma Lino Gomes nos alerta que:

Não podemos esquecer que essa sociedade é construída em contextos históricos, socioeconômicos e políticos tensos marcados por processos de colonização e dominação. Estamos, portanto, no terreno das desigualdades, das identidades e das diferenças (GOMES, 2007, p.22).

É utópico pensar a oferta de um livro didático que seja minimamente insurgente? Mas é possível manter a tão requisitada norma da língua trazendo as mulheres para as ações, vivências e/ou situações citadas no decorrer dos livros de matemática quando se escreve no singular, sem fugir do tão defendido padrão da norma “cultura”? Termo bastante discutível, também, já que não compreende diferentes saberes da linguagem imbricada em variados aparatos da comunicação que é cultural, social, dinâmica, perpassando diferentes matizes.

Historicamente, foram designados lugares desiguais para as mulheres, inclusive na oferta da educação, dos conteúdos e objetivos previstos, sendo necessário que este diálogo nos interpele a pensar sobre as marcas da colonização ainda reverberadas nas diferentes práticas de escolarização. Ao olhar para determinados contextos do final do século XIX e início do século do XX, Guacira Louro afirma que:

Naquela sociedade escravocrata e predominantemente rural, em que latifundiários e coronéis teciam as tramas políticas e silenciavam agregados, mulheres e crianças, os arranjos sociais se faziam, na maior parte das vezes, por acordos tácitos, pelo submetimento ou pela palavra empenhada (LOURO, 2022, p. 444).

Não muito diferente, ainda no século XXI, as mulheres continuam sendo silenciadas a partir da utilização de diferentes mecanismos e, também, de maneira tácita na linguagem adotada nos livros didáticos de matemática que são objetos de análise e questionamentos neste artigo. O silenciamento pode ser observado quando o sujeito presente é sempre o aluno, um colega, o participante.

Corroborando com o pensar sobre as desigualdades às quais as mulheres foram submetidas no que se refere à educação deve se considerar que por vezes estas foram validadas por legislações que regulamentavam currículos que propunham para os meninos o ensino da geometria e para as meninas, noções de economia doméstica, das agulhas, do corte e bordado (Instrução Pública do Estado do Paraná, 1901).

Um currículo prescritivo que atendia a um ideário social republicano que para as mulheres defendia que fossem educadas em detrimento de serem instruídas já que deviam ser preparadas para

educar as futuras gerações, serem pilares da família e cuidadoras do marido e filhos. Percebe-se a adoção da educação enquanto instrumento favorável na demarcação de lugares distintos.

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente - tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural”. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (LOURO, 2014, p.69).

A partir desta afirmação problematiza-se a necessidade de questionar a manutenção de uma linguagem que privilegia, silencia, reproduz relações de poder, invisibiliza, atende a interesses. Quando em um livro didático a escolha é o uso da frase “Brinque de tradutor”, em quais possíveis justificativas gramaticais está ancorada? Em discursos de normalização e conformação social? A partir de quais olhares são produzidos os livros didáticos no Brasil? Seriam escolhas desinteressadas?

Segundo Giroux (1995) citado por Jane Felipe de Souza (1999), a linguagem é um dispositivo social, assim, exige ser pensada de modo a compreendê-la como “uma prática histórica contingente, ativamente envolvida na produção, organização e circulação de textos e poderes institucionais” (Giroux 1995 apud SOUZA, 1999, p. 10 e 11).

“Você costuma estar atento?” Eis mais uma das frases encontradas em um dos livros didáticos de matemática que foram analisados. Qual sujeito está sendo interpelado? Com quem se fala? Posicionadas/o no entendimento de que não há neutralidade epistêmica, na organização curricular e nem na produção de materiais entendidos como recursos didáticos pedagógicos, entre eles o livro didático, quem está sendo representado? Quais sujeitas estão excluídas?

Tomando como premissa que a ação educativa perpassa pela constituição de identidades e subjetividades sendo estas construídas com base nas interações com pessoas diversas, com singularidades e pluralidades, como se sentem as meninas/ mulheres ao acessarem materiais nos quais a linguagem é predominantemente masculina? Os fragmentos a seguir estão assentados em quais perspectivas: “Mostre a um colega o problema”; “converse com um colega”; “cada aluno escolhe”? A linguagem continua sendo utilizada como mecanismo de ocultação, arraigada em princípios de hegemonia e universalidade.

Pautadas/o na concepção de que os múltiplos aspectos históricos que configuram uma determinada sociedade são contingentes, somos convocadas/os a criação de barreiras que enfrentem a marginalização e ausência das sujeitas. Considerando o impacto da linguagem na constituição das identidades, não se pode fugir ao debate das ideias sobre as quais estão sustentados os tratamentos desiguais. Se a justificativa mais comum no que se refere à norma padrão e regras gramaticais é que

na escrita no plural as mulheres estão incluídas no uso do gênero masculino, qual seria o argumento para a não adoção da flexão de gênero nas frases a seguir: “Troque ideias com um colega”; “cada um em seu livro”?

Ancoradas/o na compreensão de que as relações de gênero são construídas socialmente, a denúncia a ser reiterada é que a linguagem tem sido instrumento de legitimação, hierarquização e subordinação. Segundo Guacira Louro:

A linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares são, todos, campos de um exercício (desigual) de poder. Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos (LOURO, 2014, p.88).

Nesta perspectiva, é imprescindível olhar para o nicho da educação matemática, a produção desta enquanto área do conhecimento, os modos como tem sido operada, bem como os pensamentos que ainda permeiam o imaginário social e, conseqüentemente, a cultura escolar de que os homens são afeitos a ela, pois seriam mais racionais que as mulheres, por exemplo.

É necessário capturar os discursos produzidos e reproduzidos nos espaços educacionais, focalizando “como se produzem enunciados sobre mulheres, homens e matemática e como tais enunciados produzem os sujeitos e as práticas sobre as quais eles falam” (SOUZA e FONSECA, 2010, p.32).

Somos interpeladas/os a refletir sobre o que é enunciado pelos livros didáticos nas aulas de matemática, quais narrativas circulam, legitimam, pois “o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (BITTENCOURT, 2002, p. 72).

Um movimento importante de tensionamento aos valores coloniais perpetuados nas relações e currículos escolares é a busca pela implementação de uma prática decolonial que reivindica epistemologias, reposiciona sujeitas/os reconceitualizando o rol de conhecimentos validados no âmbito histórico e socialmente legitimados.

A linguagem padrão estabelecida é estrutural no que se refere aos mecanismos de disseminação de valores, por vezes excludentes, ditam sobre quem fala e representa, e a quem cabe se sentir representada, mantendo os homens no lugar daqueles a quem histórica e socialmente tem sido dado o direito a voz e a representação, hierarquizando as relações e posicionando as mulheres enquanto coletivo a ser representado e silenciado.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para atingir o objetivo proposto neste artigo, a saber, perceber se as mulheres são visibilizadas ou ainda permanecem na subrepresentatividade justificada pela inserção nos substantivos masculinos, analisamos os livros do 3º, 4º e 5º anos da coleção de livros didáticos de matemática para o Ensino Fundamental I, da Editora Ática, intitulada “Ápis Mais” (2021) e de autoria de Luiz Roberto Dante e Fernando Viana, da Editora Ática. Os livros analisados foram adotados por meio do PNLD e distribuídos nas escolas que compõem a Rede Municipal de Ensino de Pinhais, situada na Região Metropolitana de Curitiba, PR.

Para a avaliação deste material, as pesquisadoras e pesquisador conversaram diversas vezes na construção de olhares que possibilitassem percepções criteriosas e pertinentes, tendo em vista a constituição de dados a serem capturados, compreendendo-os enquanto conjunto de aspectos a serem interpretados a partir das subjetividades, atuação e experiências de cada sujeita/o nela envolvida/o.

Posicionadas e posicionado, sem ingenuidade, reconhecemos que as análises dialogam com as singularidades das três pessoas pesquisadoras. Ainda assim, tendo como base objetivos e critérios comuns, os dados constituídos convergem.

Considerando que cada pessoa autora do artigo analisou um dos três livros didáticos adotados enquanto fonte na pesquisa, a utilização de critérios contribuiu no direcionamento de pressupostos para os quais iríamos olhar, e também, quais não seriam pautados, intencionalmente. Assim, no recorte da temática, optamos por olhar para a linguagem de gênero excludente, para além da escrita no plural, mas no singular. A nossa análise foi direcionada para situações generificadas e não generificadas a partir das atividades desenvolvidas ao longo dos capítulos de cada livro da coleção analisado. No quadro organizamos as atividades em duas partes: as perguntas e enunciados, entendidos como pequenos textos que antecediam ou complementavam as perguntas de cada atividade. As situações generificadas foram divididas em nomes próprios (masculino ou feminino) e substantivos no singular ou plural (uniforme ou biformes), conforme Tabelas 1, 2 e 3.

Por fim, cabe salientar que cada livro está organizado em oito unidades que apresentam uma imagem de abertura com questionamentos. Todas as unidades possuem as seções ‘Para iniciar’ e ‘Vamos ver de novo?’, porém há outras seções que são usadas como frequência menor, a saber, ‘Tecendo saberes’ e ‘Brincando também aprendo’.

ANÁLISES E RESULTADOS

O livro do 3º ano

No livro do 3º ano foram identificadas 351 enunciados e 943 perguntas, das quais 55,6% e 71,9% são não generificada respectivamente. Os nomes próprios femininos estavam mais presentes

do que os masculinos, como é possível observar na Tabela 1. No entanto, quando os substantivos foram biformes no plural, em nenhuma pergunta ou enunciado foi utilizada a flexão para o feminino, já no singular ocorreram apenas duas situações em que o substantivo “professora” foi mencionado, representando apenas 0,7% do total de menções em perguntas.

Tabela 1: Distribuição (em porcentagem) das situações generificadas ou não por unidade

UNIDADES	GENERIFICADO						NÃO GENERIFICADO	TOTAL
	NOME		SUBSTANTIVOS					
			UNIFORME		BIFORME			
	Masculino	Feminino	Singular	Plural	Singular	Plural		
Enunciado	6,3%	9,7%	4,0%	5,1%	4,8%	14,5%	55,6%	100%
Perguntas	7,4%	8,9%	0,2%	0,4%	3,7%	5,8%	71,9%	100%

Fonte: Elaborada pelas autoras e autor

Para além dos dados numéricos é importante trazer alguns exemplos que nos chamam a atenção. É comum encontrarmos situações em que as mulheres estão associadas às atividades domésticas ou delicadas, corroborando com as percepções de Fernandes (2018, p.147)

[...]os homens e meninos são representados em situações de maior autonomia e iniciativa; os homens e meninos são associados a situações sociais e laborais da esfera pública, ao passo que as mulheres e meninas são associadas ao espaço privado e suas atividades não parecem reconhecíveis como laborais.

Vejamos o exemplo de estereotipia, na atividade da Figura 1, em que Lúcia, mulher, faz bolo.

Figura 1 – Lúcia fazendo bolo

3. Lúcia quer fazer um bolo, mas algumas palavras da lista de ingredientes da receita estão apagadas. Escreva as palavras das fichas na lista de ingredientes.

gramas

mililitros

ovos

quilograma

- 200 mililitros de leite.
- 3 ovos.
- Meio quilograma de farinha.
- 50 gramas de manteiga.

Fonte: Dante & Viana (2021, p. 200)

Mas, com tais discussões apontadas por Fernandes (2018) e outros autores, é possível observar pequenas mudanças. Notamos uma preocupação ainda muito pontual em quebrar tais estereótipos, colocando um personagem masculino também a preparar bolos (Figura 2). No entanto, as quantidades de situações como estas em meio a quantidade de situações em que os homens e meninos estão associados às atividades laborais de força ou na esfera pública, demonstram o quanto os estereótipos ainda estão muito presentes nos contextos matemáticos dos livros didáticos.

Figura 2 – Pai de Pedrinho fazendo bolo

8. Enquanto Pedrinho e alguns colegas faziam um trabalho da escola, o pai dele resolveu fazer um bolo. Ele começou às 14 h 20 min, demorou 20 minutos para preparar a massa, 30 minutos para assar o bolo e serviu o bolo para as crianças 1 h e 15 min depois de ele estar pronto.

Identifique nas cenas o horário e a medida de intervalo de tempo que ele demorou entre cada um desses momentos.



Fonte: Dante & Viana (2021, p. 200)

Também notamos, igualmente, uma pequena presença de atividades femininas que estão ganhando mais visibilidade, como na Figura 3 em que a Maratona feminina é apresentada.

Figura 3 – Maratona feminina do Rio de Janeiro

Saiba mais

As imagens não estão representadas em proporção.

A maratona é uma corrida feita a pé e tem percurso de aproximadamente 42 quilômetros.

A maratona é uma prova olímpica desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, que aconteceu em Atenas em 1896. A primeira maratona feminina oficial também ocorreu em Atenas, mas somente em 1982, e foi vencida pela atleta portuguesa Rosa Mota.

Fonte de consulta: ROSA Mota. **Diário de Notícias**, 10 out. 2008. Disponível em: <https://tedit.net/DSdxOw>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Largada da maratona feminina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Foto de 2016.

Fonte: Dante & Viana (2021, p. 200)

Tais tentativas, porém, ainda são pontuais e perdem força quando não há nenhuma menção no feminino em substantivos biformes no plural ou poucas menções no singular, partindo do pressuposto de que palavras no masculino, no plural ou no singular, deveriam incluir a presença feminina.

O livro do 4º ano

Na Tabela 2, apresentamos a distribuição (em porcentagem) das situações generificadas ou não por unidade no livro do 4º ano.

Tabela 2: Distribuição (em porcentagem) das situações generificadas ou não por unidade

UNIDADES	GENERIFICADO						NÃO GENERIFICADO	TOTAL
	NOME		SUBSTANTIVOS					
			UNIFORME		BIFORME			
	Masculino	Feminino	Singular	Plural	Singular	Plural		
Enunciado	21,4%	16,4%	2,1%	2,1%	10,0%	16,6%	31,1%	100%
Perguntas	8,7%	3,0%	0,2%	1,9%	2,7%	10,6%	72,9%	100%

Fonte: Elaborada pelas autoras e autor

No livro de 4º ano, foram analisadas 938 situações ou problematizações sejam nos diversos textos, enunciados e respostas. Deste total, diante da escolha que se fez, observou-se que em 528 vezes, a situação foi compreendida enquanto não generificada, ou seja, foram utilizados verbos no imperativo ocultando a/o sujeita/o, como por exemplo: façam, registrem, leiam, localize, entre outros. Também, foi utilizado o pronome pessoal você. Pode-se dizer ou compreender que a generificação é um avanço? Possivelmente, há concordâncias e defesa para tal posicionamento. A interpelação que se faz é: Em uma sociedade marcada por uma estrutura patriarcal, cujas normas gramaticais referendadas dizem que ao se referir aos homens as mulheres devem se sentir incluídas, não causa estranhamento que ao ser reivindicado este espaço de linguagem inclusiva para as mulheres, na fala e escrita, a resposta que se tem é a generificação? Não parece uma tentativa de esvaziamento do debate que se instaura quando este coletivo reivindica a presença?

Outros olhares são muito pertinentes, a partir da organização textual no que se refere ao uso de substantivos próprios, nas 207 vezes nas quais sujeitos/os participavam ou foram citadas/os, em 129 há a predominância masculina, restando às mulheres a presença em 78 situações. Em relação aos substantivos uniformes, com a adoção dos termos crianças e pessoas, foram observadas 29 situações, sendo que em 9 delas foi utilizado o singular, e o plural em 19. A utilização de substantivos biformes foram identificados 175 vezes, entre eles: alunos, professor, os colegas. Destes, 122 vezes encontram-se no plural e 53 no singular. No conjunto dos substantivos no plural, apenas seis (6) no feminino em situações bem específicas, como na interpretação de um gráfico que uma das perguntas feita era “quantas meninas há na turma”.

Figura 4 – Quantas meninas há na turma?

Na turma de Laura foi feita uma pesquisa com esta pergunta:

O que você prefere assistir pela televisão: desenho, esporte, noticiário ou filme?

De acordo com os dados obtidos, foi elaborado este gráfico, no qual foram separados os votos de meninos e meninas.

a) Quantos meninos votaram em esporte?

4 meninos.

b) Quantas meninas há na turma?

15 meninas.

$4 + 3 + 5 + 3 = 15$

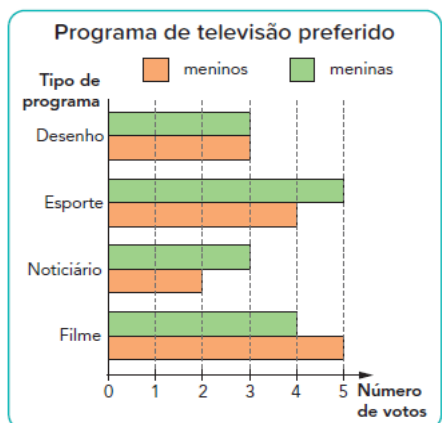
c) Quantos alunos há na turma?

29 alunos.

$9 + 5 + 9 + 6 = 29$

d) Qual foi o tipo de programa mais votado pelos meninos? Filme.

do pelos meninos? Filme.



Fonte: Dante & Viana (2021a, p. 200)

Outra reflexão suscitada é das 53 vezes nas quais os substantivos comuns aparecem no singular, apenas 7 estão no feminino. Poderia ter flexionado o gênero utilizando a/o colega, a/o aluna/o, o/a professor/a, mas não é o que ocorre, conforme pode ser observado nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Por que do professor e não da professora?

ATIVIDADE EM DUPLA Façam a estimativa da medida, registrem e depois meçam para conferir.

Registrem também a medida real. Respostas pessoais.

a) Medida de comprimento da lousa da sala de aula. _____

b) Medida de altura da porta da sala de aula. _____

c) Medida de perímetro do tampo da mesa do professor. _____

Fonte: Dante & Viana (2021a, p. 183)

Figura 6 – Por que um professor e não uma colega?

5. ATIVIDADE ORAL EM DUPLA Troque ideias com um colega sobre os resultados que vocês obtiveram na atividade anterior. Resposta pessoal.

Fonte: Dante & Viana (2021a, p. 189)

O que justifica tal escolha? Quem pode responder às perguntas feitas nas Figuras 8 e 9? Em que medida as pessoas autoras dos livros didáticos de matemática prestam atenção a isso?

O livro do 5º ano

No livro do 5º ano foram identificados 520 enunciados, sendo 339 não generificados e 181 generificados. Já para as perguntas foram identificadas 1473, sendo 1288 não generificadas e 185 generificadas.

generificadas. Na Tabela 3, apresentaremos os resultados, detalhadamente, da nossa análise quantitativa.

Tabela 3: Distribuição (em porcentagem) das situações generificadas ou não por unidade

UNIDADES	GENERIFICADO						NÃO GENERIFICADO	TOTAL
	NOME		SUBSTANTIVOS					
			UNIFORME		BIFORME			
	Masculino	Feminino	Singular	Plural	Singular	Plural		
Enunciado	8,4%	9,2%	2,0%	1,4%	5,8%	8,0%	65,2%	100%
Perguntas	2,7%	3,3%	0,7%	0,7%	1,5%	3,7%	87,4%	100%

Fonte: Elaborada pelas autoras e autor

A Tabela 3 nos mostra que os percentuais de generificação dos enunciados e das perguntas são, respectivamente, 34,8% e 12,6%. Apesar disso, em relação aos nomes próprios, o feminino apresenta percentual maior do que o masculino, contudo, quando analisamos os substantivos biformes no singular, o uso do masculino representa quase a totalidade. Não importa a profissão, o esporte ou a própria sala de aula, o masculino sempre se faz presente. Mesmo se pensarmos na docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, predominantemente ocupada pelas professoras, há apenas um caso identificado no material curricular analisado, já o uso da palavra professor apareceu 5 vezes mais.

O livro didático de matemática é majoritariamente não generificado, e as poucas situações generificadas, o uso do substantivo biforme no singular feminino não existe, uma vez que no plural, a norma culta ainda vigente flexiona sempre para o masculino.

Neste sentido, a matemática que, historicamente, foi capturada pelo masculino (Fernandes, 2018) é reproduzida, também no masculino, no ambiente escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Contudo, há tentativas raras de romper com isso, conforme pode ser observado na Figura 7, quando Janaína compra e instala as lajotas no piso.

Figura 7 – Janaína instalando piso

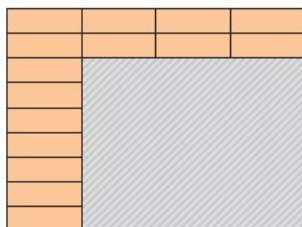
3. CALCULADORA

Janaína comprou lajotas bege e verdes para revestir o piso de 2 cômodos da casa dela.

$$\begin{array}{r} 9 \times 4 = 36 \\ \times 1,80 \\ \hline 1080 \\ + 5400 \\ \hline 6480 \end{array}$$

Analise as imagens a seguir e descubra quanto ela gastou na compra das lajotas. Se necessário, use uma

calculadora. $\text{R\$ } 147,30$
 $5 \times 11 = 55$



Mulher instalando piso.

As imagens não estão representadas em proporção.

$$\begin{array}{r} \times 55 \\ 750 \\ + 7500 \\ \hline 82,50 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} \times 1,50 \\ 64,80 \\ + 82,50 \\ \hline 147,30 \end{array}$$

$\text{R\$ } 1,80$
 $\text{R\$ } 1,50$

Fonte: Dante & Viana (2021b, p. 212).

Tão rara como a situação acima é o uso do substantivo professora. Em apenas uma situação do livro didático do 5º ano do Ensino Fundamental tal uso ocorreu.

Figura 8 – A professora de Educação Física

1. Para desenvolver uma atividade de Educação Física, a professora resolveu formar 2 grupos com a mesma quantidade de alunos. Mas havia 13 alunos.

a) Qual é o número máximo de alunos que ela pode colocar em cada grupo?

6 alunos.

b) Sobram alunos? Quantos? Sim, 1 aluno.

c) Que divisão representa essa situação?

$$\begin{array}{r} 13 \overline{) 2} \\ - 12 \\ \hline 01 \end{array} \text{ ou } 13 \div 2 = 6 \text{ e resto } 1$$

Fonte: Dante & Viana (2021b, p. 178)

São escassas a presença das mulheres no livro analisado, bem como nos outros dois, e por serem raras, as colocamos em relevo. Apresentamos mais uma e o próprio título da Figura 9 “diz tudo”.

Figura 9 – Mulheres jogando futebol: um raríssimo gol marcado pelo livro didático

Em um campeonato da escola, Juliana marcou 8 gols, Fabrícia marcou 3 gols e Zuleika não se lembra de quantos gols marcou. A organização do evento tem apenas a média de gols das 3 jogadoras: 6 gols.

a) No total, quantos gols as 3 jogadoras marcaram? 18 gols.

b) Quantos gols Zuleika marcou? 7 gols.

Fonte: Dante & Viana (2021b, p. 99)

Contudo, esperamos o dia em que, novamente, uma mulher seja presidenta do Brasil e os homens que estejam ocupando cargos de deputados ou senadores à época, a deixem governar. Que

os livros didáticos possam ajudar nisso apresentando situações que tenham mulheres ganhando eleições e não, sempre, homens, como apresentado na Figura 10.

Figura 10 – O candidato e não a candidata vencedora

Porcentagem de número

Em uma eleição, votaram 2800 eleitores e o candidato vencedor recebeu 75% dos votos. Quantos votos ele recebeu?

Para responder, precisamos calcular 75% de 2800.

Como 75% correspondem a $\frac{3}{4}$, então basta calcular $\frac{3}{4}$ de 2800.

Podemos indicar assim:

75% de 2800 = 2100, pois $2800 \div 4 = 700$ e $3 \times 700 = 2100$.

$\frac{3}{4}$

Logo, o candidato vencedor teve 2100 votos.



Urna eletrônica de votação eleitoral.

As imagens não estão representadas em proporção.

Fonte: Dante & Viana (2021b, p. 150)

Nas três análises realizadas, percebemos regularidades em relação ao uso mais frequente do nome feminino, bem como à ausência de substantivos biformes no singular no feminino. Outra regularidade observada refere-se à presença ainda frequente de situações estereotipadas de gênero (Figura 1), porém constatamos alguma movimentação diferente, conforme exemplificado nas Figuras 3, 7 e 9.

IMPRESSÕES FINAIS

Este texto pretendeu esmiuçar a linguagem utilizada em três volumes de uma coleção de livro didático de matemática para investigar se a representatividade feminina continua invisibilizada ou não, diante das transformações sociais que temos vivido. Sendo assim, a investigação foi pautada, especialmente, no uso de palavras que podem ser flexionadas ou não quanto ao gênero e em quais situações elas estão inseridas.

Por meio das tabelas pudemos observar as quantidades de palavras que são generificadas e assumem, majoritariamente, a flexão para o masculino, seja no singular ou no plural e as palavras que não são generificadas e, assim, evitam as discussões nesse sentido.

Além disso, as análises mostraram o uso do feminino voltado para situações que estereotipam as tarefas da mulher, como em ações relacionadas à ideia de delicadeza ou em tarefas domésticas. Foram destacadas também situações pontuais que envolveram personagens femininas em tarefas de força, trabalhos não domésticos ou competições esportivas. No entanto, tais situações aconteceram poucas vezes em relação ao total de situações em que homens executavam o mesmo tipo de tarefa ou

ação.

Com tais resultados podemos perceber que, nestes livros, a representatividade feminina por meio da linguagem ainda está fragilizada e ausente. A linguagem cumpre seu papel de cúmplice e de dispositivo social que marca a invisibilidade feminina presente estruturalmente na nossa história, como apontado por Louro (2014) pelas outras/es autoras/es já mencionadas neste texto.

Assim, os livros didáticos de matemática analisados reproduzem uma linguagem que não visibiliza as mulheres, na maioria das vezes a escrita apresenta o gênero masculino como se fosse uma categoria universal. Uma estratégia percebida é o uso da não generificação em situações diversas e já elencadas nas análises, porém, quando se pleiteia visibilidade e presença na linguagem, não generificar também é invisibilizar.

Nesse sentido, reforçamos a ideia de que não há neutralidade na ação educativa nem na escolha do livro didático, sobretudo os livros de matemática, cuja organização desta disciplina, área do conhecimento e hoje, componente curricular, é configurado por relações de hierarquização e subalternização entre homens e mulheres.

Lembramos, também, que olhar para os livros didáticos adotados nas escolas por meio da aplicação de recurso público, pressupõe pensar que esta ação está vinculada a determinadas escolhas e políticas educacionais vigentes. Escolhas que podem atender a uma demanda que demonstra a importância de se ter materiais e recursos pedagógicos de qualidade, impondo às/aos profissionais a necessidade de estarem atentas/os às escolhas realizadas. Exige uma vigília permanente sobre as ideias, saberes e valores sociais que estão sendo produzidos ou reproduzidos.

Entendemos que neste cenário é compromisso educativo criar fissuras nas organizações e demarcações sociais reverberadas nos espaços escolares. Os resultados desta análise demonstram que a adoção de determinados recursos na escola tem sustentado uso de linguagem cúmplice de arranjos sociais da qual se pretende enfrentar, desconstruir, abrindo novos espaços para a pluralidade de coletivos, entre eles as mulheres.

Esta é uma reivindicação legítima da qual não podemos nos furtar, seja no papel da pesquisa ou da prática docente. É necessário tensionar o que se deseja e vislumbra amparados na perspectiva decolonial que emerge das lutas e reivindicações diversas, que não se conforma com as configurações coloniais que sistemática e reiteradamente impactam as relações e organizações curriculares.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2002.

- DANTE, Luiz Roberto, VIANA Fernando. **Ápis Mais**. Matemática: 3º Ano. Ensino Fundamental - Anos iniciais. São Paulo: Editora Ática, 2021.
- DANTE, Luiz Roberto, VIANA Fernando. **Ápis Mais**. Matemática: 4º Ano. Ensino Fundamental - Anos iniciais. São Paulo: Editora Ática, 2021a.
- DANTE, Luiz Roberto, VIANA Fernando. **Ápis Mais**. Matemática: 5º Ano. Ensino Fundamental - Anos iniciais. São Paulo: Editora Ática, 2021b.
- FERNANDES, Filipe Santos. Pelas bruxas de Agnesi no currículo: educabilidades de uma matemática no feminino. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidades**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 139-152.
- FREITAS, Daniela Amaral Silva. **Relações de gênero nos kits de literatura afro-brasileira distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: razão e emoção para regular corpos na literatura infantil**. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidades**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021, p. 117 - 139.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. História das mulheres no Brasil. Mary Del Piore (org.). 10ª Edição. São Paulo: Contexto, 2022.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Wanderson Flor do Nascimento (trad.). 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.
- PARANÁ. **Decreto nº 93, de 11 de março de 1901. Aprova o Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná. 1901.** Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/123700/1901_REGULAMENTO%20INSTRU%c3%87%c3%83O%20P%c3%9aBLICA_PR.pdf?sequence=1, acesso em 07/09/2023.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 2004.
- SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SILVA, M. **Currículo e Educação Matemática: a política cultural como potencializadora de pesquisas**. Perspectivas em Educação Matemática.v.11, n.26, 2018.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a Educação Infantil.** http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf, acesso em 08/09/2023.

SOUZA, Maria Celeste R. F. de; FONSECA, Maria da Conceição F. R. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TREVISAN, Andreia Cristina Rodrigues; TREVISAN, Eberson Paulo. **O livro didático de matemática: entre imagens e discursos.** Poiesis Pedagógica, Catalão=GO, v.15, n.1, p. 27-50, 2017.